

le ludibriados, mas a caminho da reconsideração. E' também a nossa lógica para nos mantermos antipatrióticos, adversários da propriedade e do Estado, a despeito de todas as excitações patrioteiras.» (Reveil, 20 de Março).

Também o camarada inglês Otto Leroy, no Freedom de março, fecha um longo artigo sobre o valor da civilização inglesa da seguinte maneira:

«E' tempo de acalmar o entusiasmo e reflectir tranquilamente. Correr em auxílio de governos capitalistas é tarefa estranha para os que se dizem revolucionários. Demais, identificar-nos com a causa nacional de qualquer país é tirarmos a razão de ser ao movimento revolucionário. Não podemos esperar que o povo se junte a nós, quando não há diferença entre os nossos princípios e política e os dos defensores do Estado e do militarismo. O facto de ser necessário fazer estas afirmações é já em si uma terrível reflectão sobre as condições do movimento socialista presentemente. Um só passo no fatal caminho do compromisso e concessões aos poderes que seja, e um revolucionário, talvez inconscientemente, mas nem por isso menos realmente, abandonou o alto e nobre fim a que consagrou a vida—o derribamento da tirania sob todas as formas e a emancipação dos trabalhadores do mundo.»

Os camaradas Herzig e Leroy apresentam nestas passagens uma das razões que temos exposto aqui. Livremo-nos de proporcionar ao inimigo armas e argumentos bem fundamentados e eficazes, que podemos porventura não temer pessoalmente, mas que exercerão poderoso efeito sobre a massa, que nós procuramos ganhar á nossa causa e sem a qual somos impotentes.

Em tempo de guerra de libertação

Encontramos no Reveil, de Genebra a narração de alguns casos interessantes sucedidos em França.

O camarada Leão Prouvost foi preso em Saint-Raphael e conduzido a Marselha, pelo crime de ter ajudado a distribuir um manifesto Enganam-nos, reclamando a paz, mas falando sobretudo do clericalismo, cuja actividade é enorme. Não bastando isto, a policia arranjou um pseudo-ferido, que dizia querer desertar para não ter de voltar para a linha de fogo: Leão Prouvost foi vítima da infame armadilha.

E a imprensa imunda fez deste caso uma coisa tenebrosa, na qual entraram agentes alemães e a quadrilha Bonnot, ressuscitada para o efeito! Até a Portugal chegaram ecos dessa miserável invenção.

O pequeno jornal socialista russo Goloss, que se publicava em Paris, foi suprimido pela Censura.

por ser antiguerrista. Os redactores protestaram e a Censura replicou que o ministro da Rússia estava descontente e que os culpados eram eles, pois não escreviam como Plekhanof. Este cavalleiro vem a ser um social-democrata russo que se celebrou por ter caluniado os anarquistas e deturpado as nossas ideas, indemnizando-nos, porém, desta feita com este belo elogio: «A opposição á guerra, tal como a praticam os socialistas russos, só pode ser justificada dum ponto de vista anarquista» O que vem confirmar a nossa «reciprocacia»: «A participação na guerra tal como a praticam alguns anarquistas, só pode ser justificada dum ponto de vista democrático».

Os redactores socialistas foram depois ter com os dois ministros «socialistas» Guasde e Sembat, os quais mandaram dizer por um secretário que lhes obteriam licença para o jornal, se eles escrevessem como o camarada Plekhanof. Liberdade de escrever... o que os governantes querem. Conhecemos muito bem essa espécie de liberdade.

Aos mesmos ministros «socialistas» dirigiu Jean Grave uma carta aberta, em La Bataille Syndicaliste, protestando contra a supressão e sabotagem dos seus artigos. Pois até nessa carta a Censura cortou as seguintes passagens:

«Entretanto, sob pretexto de defesa nacional, sufoca-se veheemente a liberdade de imprensa. A censura só deixa passar as excitações á carnificina, ao ódio, á vingança, a tudo o que pode eternizar as desinteligenças e a guerra entre os povos, proporcionar á reacção meio de fazer dominar entre nós esse militarismo que nos pedem que esmaguemos em casa dos nossos vizinhos.»

«Foi só para cobrir os maneios da reacção, permitir-lhe que engane mais facilmente a opinião pública, que vós acceitastes a entrada no governo? E isso só vos foi oferecido com a condição de vos calardes?»

Até riscou a frase: «Com toda a consideração que vos é devida». Mas isso deve ter sido escorregadela do lápis...

Centro Instrutivo de Propaganda Libertaria.

Sessão de controvérsia

A comissão de propaganda deste Centro resolveu, entre outros varios meios de difundir as doutrinas anarquistas, efectuar sessões de controvérsia.

A primeira sessão realisa-se hoje, ás 9 horas, na sua sede rua Formosa, 242-3º sob o tema—Sindicalismo e Anarquismo.

Serão contraditores os camaradas Serafim C. Lucena e Manoel J. de Souza.

A entrada é livre para os camaradas e não camaradas.

O manifesto dos socialistas russos

Como prometemos, damos em seguida, do manifesto publicado pelos socialistas russos, os excertos que encontramos num jornal socialista inglês:

«Estalou a guerra europeia, para a qual há dezannas de anos que se estavam preparando os Governos e partidos capitalistas de todos os países. O aumento de armamentos; a extrema intensificação da luta pelos mercados entre os países «avanzados» neste último estádio imperialista do desenvolvimento capitalista; os interesses dinásticos das monarchias mais retardatárias da Europa Oriental—essas influências estavam empenhadas em provocar e provocaram a presente guerra. A usurpação de territórios e a subjugação de outras nações; a ruína duma nação rival; a pilhagem da sua riqueza; o distrainimento da atenção dos trabalhadores das crises politicas internas na Rússia, Alemanha, Grã Bretanha e outros países; a divisão nas fileiras dos trabalhadores por meio da burla («nacionalista»), a destruição da sua guarda avançada com o fim de enfraquecer o movimento revolucionário do proletariado—tal é a única e verdadeira significação da actual guerra.»

O manifesto denuncia vivamente a hipocrisia dos dirigentes alemães, incitando o povo a defender a pátria contra o despotismo da Rússia. «Na realidade, os capitalistas da Alemanha, pelo seu servilismo para com os Junkers prussianos e seu chefe, Guilherme II, sempre foram os mais fiéis aliados do tsarismo e inimigos do movimento revolucionário dos operários e camponeses da Rússia. Na realidade, esses mesmos capitalistas, aliados aos Junkers, seja qual for o resultado da guerra, não-de fazer tudo o que puderem para amparar a monarchia do tsar da sua luta contra o movimento revolucionário russo.»

«Na realidade, os capitalistas alemães empreenderam uma expedição de saque contra a Sérvia para a conquistar e sufocar assim a revolução nacional dos eslavos meridionais, dirigindo ao mesmo tempo o grosso das suas forças militares contra países mais livres, Bélgica e França, afim de saquear uma rival mais rica. Enquanto faziam circular contos de fadas sobre uma guerra defensiva, os capitalistas germânicos escolhiam, na realidade, a ocasião mais asada para a guerra, do seu ponto de vista, tirando proveito dos seus mais recentes melhoramentos na técnica militar para se anteciparem aos novos armamentos planeados e já decididos pela Rússia e pela França.»

«A' testa do outro grupo beligerante estão os capitalistas britânicos e franceses, que procuram ludibriar a classe trabalhadora

sustentando que empreenderam a guerra pela causa das suas pátrias respectivas, pela causa da liberdade e da civilização contra o militarismo e despotismo germânicos. Mas, na realidade, estes capitalistas tinham assoldado há muito, com os seus bilhões, as tropas do tsarismo russo, da mais reaccionária e bárbara monarchia da Europa, preparando-as para um ataque contra a Alemanha. Na realidade, o objectivo da guerra da parte dos capitalistas britânicos e franceses é empolgar as colónias alemãs e arruinar uma nação rival, que se distinguiu por um desenvolvimento económico mais rápido. E' para este nobre escopo que as nações «progressivas» e «democráticas» estão ajudando o feroz tsarismo a oprimir ainda mais impiavelmente a Polónia, a Ucrânia e outros pequenos povos, a sufocar ainda mais eficazmente a revolução na própria Rússia.»

«Mas quanto maior for o zelo dos Governos e classes dirigentes de todos os países em tentarem desunir os trabalhadores e em os incitarem uns contra os outros, quanto mais selvagem for o seu sistema de leis e censura militares, maior é o dever que tem a classe trabalhadora organizada de defender a sua unidade de classe, o seu internacionalismo, as suas convicções socialistas, em opposição á orgia patriótica das «patrióticas» oligarquias de todos os países. Abandonar essa tarefa significaria renunciar a todas as aspirações democráticas, para não dizer socialistas, de liberdade.»

O manifesto refere as persguições, que já tinham começado, a attitude intransigente dos deputados socialistas, a coragem destes em distribuir entre o povo os seus manifestos prohibidos.

Proceder como anarquista

Em La Bataille Syndicaliste, de 7 de Março, escreve Jean Grave:

Erro de muitos anarquistas é considerarem-se demasiadamente á parte dos outros homens, julgarem-se demasiadamente superiores ao resto da população. Para eles, proceder como anarquista implica forçosamente nunca fazer como os outros.

Esse erro, parece-nos, não o temos praticado nós, que por vezes, no decurso da nossa propaganda, o fizemos notar e que ainda no nosso número de 17 de Janeiro último (artigo Questões preliminares...) lhe chamávamos preconcito ou erro individualista.

Mas, se proceder como anarquista não implica forçosamente nunca fazer como os outros, não implica tampouco fazer tudo o que fazem os outros... O anarquismo tem fins e meios próprios—ou não se distinguiria de coisa alguma. Verdade de La Palice.

Por nossa parte, procedemos como nós parece melhor para rea-

lização do nosso ideal, bem contentes quando somos acompanhados pelos outros, quando os nossos esforços e os nossos sentimentos se harmonizam com os da massa—da qual não procuramos separar-nos, cujos sofrimentos não nos são indiferentes, com a qual nos solidarizamos na desgraça. A questão está no modo de dar essa solidariedade: procuramos fazê-lo da maneira que consideramos mais proficua para a sua e nossa emancipação geral e completa. Eis todos.

E' natural que, nas discussões, se façam afirmações que ninguém contesta e que não veem para o caso.

Liberdade de imprensa

Noticiou o «Janeiro» que ao diário republicano «A Montanha» iam ser applicadas as disposições da lei de 12 de Junho de 1911, em cujas malhas «A Aurora» já se viu enlaçada, por um artigo incriminado como offensivo do exército, e para o autor do qual o douto representante do M. P. pediu nada mais nada menos que dois annos de prisão e 2.500\$ de multa.

Em idênticas circumstancias á da «Montanha», se achava então a «Aurora» sem que qualquer diário protestasse contra tão prepotente arbitrariedade, recomendada de Lisboa ao fiscal da lei nesta cidade.

Mas nós, anarquistas, que não hipotecamos o nosso humilde periódico a nenhuma facção politica nem a nenhum partido, coerentes com os principios que professamos, deixamos aqui exarado o nosso veemente protesto contra as prepotencias governativas que contra aquêl diário se venham a cometer, significando-lhe como humildes jornalistas operários, a nossa solidariedade moral.

So dizer a verdade é um crime previsto e punido por leis exceptionais, melhor será que qualquer boçal policia rapo do chanfallo e suprima a imprensa duma vez para sempre. Que tambem os morcegos, diga-se jamais puderam dar sinais de vida a não ser nas densas trevas.

A luz cega-os!

Velada Social

E' no domingo 25 do corrente mez que o Núcleo Juventude Sindicalista realisa uma velada social na sede do Grupo Beneficencia aos Tuberculosos da Sé, sita á rua de Baralva de Carvalho. O programa é escolhido. Alem da excelente peça do Teatro Livre—O Triunfo, e da chitosa e inofensiva comedia—Os Espectros, diversos apreciados amadores recitarão coisas varias.

Este espectáculo será abrilhantado pela Tuna da J. Sindicalista, sob a regencia de Antonio da Fonseca Alves.

Os respectivos bilhetes-conyites encontram-se na redacção da Aurora

Folhetim de «A AURORA»

FIALHO DE ALMEIDA

Para o senhor padre!

São comentadas há muito, na minha aldeia, as antipatias dos dois padres que lá vivem—um pastoreando a freguesia, á sombra duma congria pouco farta; vivendo o outro do vinho e mais do azeite que lhe produzem as terras que cultiva. Padre Carreira o senhor pároco é uma pessoa robusta e já grisalha, sanguinea de peçoço, e toda freática por qualquer pequena contrariedade que lhe advenha. Sempre foi pobre, e nada enfiado em subtilezas místicas de beatério.

Chama as coisas pelo seu nome, o que lhe tem valido alguns dissabores, por banda do senhor bispo; e come e bebe nas bodas, cêlere e desabusado, a ponto de parecer que guarda comida nos bolsos da rabona, tão lestos lhe desaparecem do prato os nacos que elle saca aos ensopados, com as suas grandes triachadas pantagruélicas. O outro padre é Assunção—padre Assunção. O senhor padre Assunção...

Noutro gosto, o mequetrefe. Nova ainda, e filho da terra e du-

mas tias que o educaram, o dom Basilio tem sabido guardar, entre a rusticidade montesa dos parochianos, o seu efeminado escorço de menino de côro—e manso nas falas, muito doce ao contacto das mãos, é tal o seu aspecto de reserva e prudência, que o madamismo do concelho todo vem, pela quaresma, diluir na consolação das suas prédicas do remorso de quantos peccadilhos haja cometido, pequenos e grandes, pela volta do ano. Padre Assunção não quis paroiuia. E' quase rico, tem cavallo e sobrecasaca, recebe jornais de propaganda, e ao mencionar o sr. bispo, tira sempre o chapéu com grandes mostras de veneração. Acha, porém, que em padre Carreira falecem requisitos de bom pastor, e faz-lhe a honra de o desprezar sem espalhato, porém com uma tenacidade, que ainda há de vir a ser causa do destêrro do bom cura.

Ora deu-se um caso chibante entre estes bozozos, durante a desobriga da última quaresma. Ia a senhora Belisária confessar-se ao Assunção, sexta-feira das Dores, após uma noite de meditação e rosários desfiados, quando ao virar a esquina das do Leonardo, caminho da igreja—Santo Elesbão rolheiro nos acudal—súbito deixa escapular por entre as pregas da capa, não sei que adejo músico, ondulante, escoado assim como o miar

dum gatinho novo, a quem se piasse a cauda—mas aquilo tão doce, prolongado, enfusante... Padre Assunção chamar-lhe-ia reminiscência de canção paradisiaca se o escutasse! Entretanto, reminiscência, reminiscência... Um tal queixume, assim gótico e diáfano, que a boca dum anjo articulára sem dúvida, nas traseiras da beata, e que mal podia comparar-se á sombra dum mi muito afunilado... um tal queixume logrou logo perturbar a penitente no mais unísono dos seus escrupulos: nem que fosse baforada do demo, destinando-se a putrefazer, na consciência da devota, a atmosfera de candidez que lá servia de invólucro á fé cristã.

E Belisária, rancorosa sempre contra quem lhe não sabia apreciar as devoções, esganiçou com aze-dume:

—Para o senhor padre Carreira Chuchal!

Mas ainda bem não tinha dito a injúria, já o coração lhe dava uma pancada contra o crime de religião que cometera.

Padre Carreira, embora fosse um porco-espinho insensível ás delicadezas da exegese, pouco amável no trato do confessorário, e sempre chocarreiro para os escrupulos de consciência, a que, não sabendo aplicar remédio, fingia ligar pouca importância; padre

Carreira era, antes de tudo, um sacerdote representante de Cristo e da sua Igreja. Um que terrível peccado ella fizera, a pobre dona, á porta mesmo da casa do Senhor, e no solene instante de comparecer, vestida de graça, perante o tribunal da penitência! Lá teria de contar mais este crime. Mas com que palavras, com que razões, Senhor de Misericórdia!—com que desculpas explicaria ella um tal desregramento, ao senhor padre Assunção, tão catita e afidalgado, e que rescendia a águas de cheiro por todas as bandas do senhor seu corpe! Já de mãos postas promedia aos santos predilectos grandes somas de padre-nossos, glórias e outros acepipes catecismais, se acaso padre Assunção não perscrutasse demasiado a índole e proveniência do mavioso queixume—inteiramente arcaico—que se lhe escapulira, como disse, por entre as dobras do capindó.

A tremor de pavor chegou-se á teia, ajoelhou maquinalmente diante do altar da Piedade, persignante-se, beijou a pedra da capela... Santa Maria, mãe de Deus rogai a Deus por nós, agora e na hora da nossa morte... e as rezas feitas, deitou o rabo do olho para as bandas do confessorário, onde padre Assunção d-via de estar, em nome da paciência divina, dando ensaboadelas de perdão na patufaria recôndita das beatas. Eram

mais de onze horas, e em breve as últimas confessadas vieram enfileirar-se ao pé da mesa da comunhão, mastigando gordas, com os narizes nas horas, como uma rabanada de pégas—calhando então a vez de Belisária se ir ajoelhar aos pés do confessor.

Padre Assunção estava magado. Confessou trinta e oito maganas, esse dia. Tinha a almôçar dois fâmulos do bispo, e homem de século (como elle proprio chamava) não deixava de preferir ás abstinências quaresmais, tão idealmente católicas nos outros, as belas perdzêes lardeadas de presunto e túbaras da Vera Cruz, que a Joana devia de estar estufando a lume brando para regalo de Sua Senhoria e das visitas.

Em quanto a velha começa a dizer as orações, desacia á trasqueira a ideia do hospitaleiro reverendo a escolher entre o clarete, um certo almiscarado, leve e espumoso, de que se podiam beber toneis, sem prejuizo. E vai depois, abria uma garrafa, e outra, e outra, dando a provar aos fâmulos do bispo... Boas perdzêes, tenras, aloradas! Duas tarraçadas de miolos com ovos, por cima. Frutas de calda, letria e doce, e para o cafézório, senhores, uma aguardente de medronho, incomparável!

(Continua)